

# Coletânea Drama

Marcelo Garbine

## Índice

01 – No alto do rochedo, eu me esvaí com o vento .....	02
02 – O velho do asfalto .....	11
03 – O padre que viu Deus partir .....	16
04 – O vestígio de vento que soprou na contração .....	21

# **No alto do rochedo, eu me esvaí com o vento**

Marcelo Garbine

Vinte e um de dezembro de dois mil e doze. Em algum lugar de um universo paralelo, o mundo acabou. Tenho apenas uma mochila pra colocar nas costas e sair atrás de um local habitável. Quais pertences meus levarei?

\*\*\*\*\*

Nenhuma Coca-Cola na geladeira? Nenhum cigarro em cima da escrivaninha? Isto é realmente o fim do mundo, no sentido figurado e no sentido literal.

Já que não tenho estes principais itens pra botar na minha velha bolsa, lembro-me que nela não pode faltar o macaquinho Chico, meu brinquedo preferido de infância, que ganhei quando tinha três aninhos.

Encardido e com um nó cego no rabo, que nunca mais consegui desatar, ele foi o meu companheirinho de todas as horas. Foi ele quem me consolou nos

instantes mais difíceis da adolescência, quando namoros foram terminados e paixões, perdidas.

O Sylvinho tinha o ursinho Blau Blau de brinquedo dele e eu tenho o meu macaquinho Chico.

Comida e água, posso achar pelo caminho, mas, outro macaquinho Chico, não reaverei jamais.

Se o Chico não me negou apoio nestes meus trinta e seis anos de vida, não será, hoje, no fim do mundo, que me abandonará.

Que venha o fim do mundo, porém, com o Chico abraçado comigo.

Não desejo procurar um oásis e nem sobreviventes. Espero somente recitar as minhas últimas poesias ao vento e recordar-me dos bons momentos que vivi por aqui. Valeu pelo tempo que durou.

A vida seria breve de qualquer forma... O que há de ruim em ter sido encurtada um pouco mais?

Levo, além disto, um papel e uma caneta pra escrever o que vier à cabeça. Os sobreviventes – se existirem – poderão lê-las.

Transcorrida a nova idade das trevas, da busca por alimento e sexo imediatos, decerto, interessar-se-ão por prazeres mais aprimorados.

A mãe natureza, é claro, despertará neles a esganada demanda pelo básico instinto. É um truque dela pra compelir a espécie humana a procriar e povoar o planeta novamente. Entretanto, após esta fase tão animalesca, o que se restará a fazer?

Os seres humanos não têm apetite só por comida, como cantaram os Titãs, na década de oitenta. A fome é por comida, diversão e arte.

Quiçá, seja este um dos motivos da ruína do Império Vermelho, que acalentou as expectativas por justiça, durante o século XX, quase de ponta à ponta.

Mas, o foco pegou muito fundo nas necessidades básicas do homem... básicas demais. Tão básicas que não satisfizeram o básico a ponto de deixá-lo infeliz e insatisfeito com o Sistema da Esperança.

Nas linhas sisudas do jornal do Partido, não havia um único artigo de humor ou, sequer, um espacinho pra que se narrasse um drama discorrendo acerca da angústia crônica da essência de todos nós.

Devia-se ser feroz. Fazia-se mister a demonstração de superioridade sobre os países que preconizavam a economia de mercado. E não há nada mais primitivo que exibir força bruta.

Sabemos que é balela. E, como diz Maria Rita: “Ele não é de nada. Essa cara amarrada é só um jeito de viver na pior”. Ninguém cai nessa, não. Ninguém é forte.

Usamos máscaras, todavia, na hipótese de tirarmos este traje pesado, composto por várias camadas de armaduras de aço, fica só o nosso espírito nu e friorento, com olhinhos de gatinho assustado, no meio do asfalto, implorando, desesperadamente, por colo e afago.

Aqueles desfiles de soldados e mísseis só enganavam quem queria ser enganado. Em seguida, descobriu-se que muitos dos projéteis eram ocos, simples adornos de carnaval pra meter medo no imperador da outra facção do globo terrestre. E, ainda que não fossem, a mim, não tapeiam mais. Já quis ser ludibriado o bastante...

URSS e USA eram dois bêbados, no boteco, gritando pra ver quem era mais macho. Precisava-se de uma mentira pra ter razão pra viver.

Um dia, tomei uma atitude de homem e deixei de ter falsas certezas. E, como todas as convicções são ilusórias, não tenho mais convencimento algum.

Como bem fala Humberto Gessinger: "A dúvida é o preço da pureza e é inútil ter certeza".

O mundo acabou. E agora, Chico? O sonho acabou, o homem da casa, que foi comprar pão, da padaria não voltou; o leiteiro não deixou o leite na janela, nesta manhã. E agora, Chico?

Nem o meu livro do Carlos Drummond de Andrade encontrei pra junto comigo trazer. Também me esqueci de dois DVDs: "O Pianista", de Roman Polanski e "A Vida é Bela", de Roberto Benigni. Seria legal assistir-lhes pela última vez. Eu só tenho você, Chico. E, agora, tudo se esvai.

Oportuno seria, eventualmente, simular um tipinho sarcástico. Eu poderia, de maneira efetiva, esboçar um sorrisinho cínico, de canto de lábio, e sussurrar pra mim próprio: “Bem feito! A humanidade mereceu!”.

Contudo, se assim o fizesse, só estaria agradando uns dez por cento da minha egolatria. A ínfima fração de mim saciada seria aquela tão desprezível quanto o lado obscuro dos indivíduos que mereceram a morte. Mas a esmagadora maior parcela da minha personalidade quedaria descontente.

A Lei do Talião não mata a sede de ninguém. A expressão “prato que se come frio” é um grande esforço fracassado de tentar atribuir significado a uma degustação insípida. Em verdade, a vingança é um prato que se coze, aquece-se, prepara-se, põe-se à mesa... e não se come. Não há o que se comer.

Provérbio romeno: "Aquele que almeja a vingança é como a mosca que bate no vidro da janela sem ver que a porta está aberta”.

E eu sempre acreditei na humanidade. De modo incessante, cri que o homem superaria o seu ciclo pré-histórico da lucidez.

Enxergar exclusive a perversão das pessoas é enfatizar o nosso fragmento podre também. Vemos os outros como somos. Cada um escuta o que quer e vê o que quer. Somos seletivos.

Óbvio que muita gente boa estava morrendo com o fim do mundo. Está tudo deveras distante de um sonho realizado. E quanto à minha décima parte, que, quando vai ao circo, torce pro trapezista cair do trapézio – o mesmo que, nesta ocasião, teima em comemorar o fim do mundo, desafiando a minha reprovação – por eles, rogo clemência, vociferando as palavras de Jesus Cristo ao pai, no ato da crucificação.

Uma nova sociedade nascerá e escavar-se-ão escombros. Milênios decorrerão e por-se-á em dúvida se o fim do mundo do século XXI depois de Cristo existiu de fato. Somos os Noés contemporâneos.

E se fosse possível acordar de um pesadelo? E se fosse possível perceber que tudo não passou de um delírio? Faríamos tudo diferente? Não, faríamos tudo igualzinho.

Enquanto as consequências não ardem – materialmente – na carne, enquanto só existe uma vaga advertência e uma mera promessa de dor, a encabrestada



raça humana não progride nem a pau. É obrigatório estalar o chicote no lombo desse animal teimoso chamado homem.

Embora as chibatadas sejam sutis metáforas pra relatar algo tão sério como o fim do mundo, é exigido que se atinja este nível do sofrimento pra que o vagaroso humano seja empurrado pra evolução.

O homem necessita padecer de câncer, deve ter dores insuportáveis e seus cabelos devem cair. A humanidade carece disto.

Chegou a hora. Calhou de ser na nossa geração. Logo a nossa... tão mal acostumada.

O sofá estava tão confortável, a pipoca quebrantava na boca e o wi-fi permitia que brincássemos de ser Deus.

O Onicriador gosta de ironia. Talvez seja por isto que Ele me tenha poupado.

A zombaria não é má. Caso não sejam vítimas dela, os homens continuam errando, pois não há dor maior do que cair no ridículo, do que se olhar no espelho. O escárnio tem o poder de arrancar a nossa couraça. Isto porque é

líquido e certo que só há vaidade sob o sol. E o deboche é a arma mais eficaz contra o pecado capital dos pecados capitais.

Aí está o equívoco de pensar que Deus é cruel. Ele não é bom e nem é mau, Ele é Deus. Faz o que deve ser feito. Quem tem o poder de ser bom ou mau somos nós. É uma questão de escolha. E o fluxo de opções inatas é apenas costume. Criemos o hábito, pois.

E, no alto deste rochedo, que elegi pra morar nesta temporada de matança, a brisa sopra suave na minha face.

O único ser vivo ao meu lado sou exatamente eu quem anima. Qualquer interferência vinda de outros cérebros e corações seria voraz demais pra fragilidade das minhas reflexões de cristal. Só que o universo não foi construído pra isto. O mundo não foi edificado pro deleite. Pelo menos, não com este fim.

Uma mão que toca levemente o meu ombro, meu pescoço que gira noventa graus, meus olhos que se deparam com um semblante desconhecido...

Marcelo Garbine

# O velho do asfalto

Marcelo Garbine

Não havendo nenhum outro carro na estrada, o caminho parecia estar aberto. Se num passado próximo ainda era hora de plantar as sementinhas da esperança, chegara o tempo da colheita. Todos os sonhos de menino concretizavam-se como num passe de mágica. Pra bater aquela adrenalina prazerosa de uma sensação única que nunca mais seria repetida, durante as décadas em que Uriah permaneceria neste mundo, faltava apenas aumentar o volume do rádio e olhar pro sol, enquanto dirigia, rumo à Herzlia.

Notaram-no, afinal. Que Uriah era um exímio roteirista, os amigos já bradaram à exaustão, fazendo-o decorar. Porém, como ele costumava falar - quase num tom de autoconsolo - "ninguém é bom até que digam que é bom". E só diz quem é ouvido. E só é ouvido quem tem credibilidade. E esse dia chegou: um respeitável diretor do círculo cinematográfico dissera que Uriah é bom.

E, então, a guitarra de Slash e a voz de Axl Rose preencheram o espaço interno do carro no momento em que o sol refletia no para-brisas. O silêncio era relegado à época em que uma árvore caía no meio da mata e Uriah

questionava-se se houvera estrondo, dado que não existia ninguém na floresta pra ouvi-lo. Agora, todos ouviam! Bastou o alerta do cineasta Yanni Ygor pra que os olhos e os ouvidos voltassem-se a Uriah.

Mas "Sweet Child O' Mine" deixou, bruscamente, de ser emanada aos quatro ventos. Foi um pedaço de arame farpado que fez o veículo parar. Coito interrompido. O mesmo mormaço que dava a nuance do regozijo passou a ser nada mais que um maldito calor infernal e o "pen drive" que continha a gravação da saudosa fita cassete de sua adolescência fora reduzido a um emissor de ruídos.

Ao trocar o pneu, devaneou acerca do epílogo que escrevera pro seu longa-metragem: Gamaliel, o personagem principal, acabou recluso numa clínica psiquiátrica, sonhando em como poderia ter sido diferente, se não tivesse ficado tão obsessivo pela consumação de sua vontade. O fim era triste porque Uriah cria saber como emocionar e porque os espectadores gostam de encontrar conforto na desgraça alheia e poesia nos infortúnios da própria vida insossa, projetando-a nos entes fictícios de uma tela de cinema.

Gotas de suor de sua testa caíam no asfalto, enquanto ele girava a porca com a chave cruz e, compenetrado no serviço mecânico, nem se deu conta de que, do Lada Niva emparelhado com o seu automóvel, saiu a pessoa que, supostamente, oferecer-lhe-ia socorro. E o auxílio vinha em instante exato, pois

o estepe que, com tanto esforço, colocou estava danificado. O gentil cidadão doou o seu e Uriah poderia seguir viagem.

Ao dar a partida, enxergou, pelo retrovisor, o idoso tranquilo e inerte. Percebeu uma roda a menos em seu Niva. Engatando a marcha ré, Uriah retornou pra averiguar.

– Você me cedeu um dos pneus do seu carro, senhor? Presumi que fosse o seu estepe.

– Dei o meu estepe pra outro motorista que precisou de um, há cinco léguas daqui. Posso aguardar o guincho. Você necessita dele mais que eu. Vi isto pela doçura infantil das suas pupilas. Com certeza, está perto de uma grande realização e...

O indivíduo solitário proferiu mais algumas dezenas de palavras que Uriah não escutou. Quando o misterioso ancião mencionou que captara a conquista do querer de Uriah em seu semblante, o encanto foi tamanho que ele só conseguiu ouvir, novamente, "Sweet Child O' Mine" tocando em sua cabeça. Uriah apenas certificou-se de que o sujeito possuía um aparelho celular pra acionar o resgate, agradeceu e foi embora.

Somente novecentos metros adiante, Uriah lembrou-se das frases do velho.

"Espera... Ele me chamou de Gamaliel? Este é o nome do meu personagem...".

Uriah chegou, enfim, à reunião no estúdio. Surpreendeu-o o fato de haver um terceiro integrante. Yanni Ygor estava munido com dois escritos: o de Uriah e o do ser estranho que por lá aparecera. Depois de elogiar ambos os profissionais, Yanni comunicou a sua decisão: o escolhido foi Ethan.

– Você é hábil com as letras, Uriah, mas a linguagem de Ethan tem vitalidade.

Derrotado, Uriah pegou o seu automotor no estacionamento. Observou que uma das rodas traseira do veículo vizinho era discrepante se comparada às outras três. Era de um jipe russo, que, por seu turno, era idêntica a uma das suas, que também destoava das demais de seu carro. Regressou, pois, à sua aldeia, após percorrer os mesmos mil e duzentos quilômetros da ida.

Transcorridos onze meses, pelo jornal, teve acesso à notícia do lançamento do filme de Yanni Ygor. A sinopse era sobre um octogenário em uma rodovia que ajudava o protagonista desprevenido. Dando o braço a torcer, Uriah aceitou que, deveras, o script de Ethan era mais vívido por razões óbvias: a história era verdadeira e pulsava.

Uriah relacionava-se bem com as suas frustrações, mas elas se tornavam indigestas se ele não lograva perdoar-se ao imaginar que seria possível ter feito igual à concorrência. Atordoado, viveu o "déjà vu" de um manicômio. Contudo, nele, lecionava-se dramaturgia. Uriah participou de todas as aulas e divertiu-se entretendo os seus colegas. Um sorriso no seu rosto trouxe à tona as recordações de suas fantasias de criança.

Assim como o homem da autopista, Uriah sentiu-se no lugar certo e, por linhas tortas e insanas, fez acontecer o desejo de ter o seu roteiro transformado em película num ambiente onde havia mais carência por ela.

Marcelo Garbine

# O padre que viu Deus partir

Marcelo Garbine

Somente a última gaveta da dispensa ainda não fora averiguada. Nela, nada mais havia do que um saco de papéis. Padre Artelírio, então, iniciou a sua derradeira empreitada da exploração. Qual não foi a sua surpresa com o achado... Sui generis dobrado entre várias folhas sulfite, ímpar manuscrito no meio de numerosos datilografados, lá estava o bilhete que dera origem ao desfecho de sua vida!

A dona daquela caligrafia era uma moça que o padre nunca vira. Há exatos cinquenta e oito anos, recebera a folha de caderno. Tão precisas eram as palavras que a ele dúvidas não restaram. Óbvio era-lhe tratar-se de uma ordem divina que o direcionava ao caminho do seminário. "Coincidências não existem" - pensava ele - "muito menos quando a precisão milimétrica é característica em cada fragmento".

Entretanto os seus dias celibatários findavam e o homem santo necessitava lançar mão de uma retrospectiva, escrever a sua biografia, para que tudo fizesse sentido, como desejam todos os mortais dotados de consciência. E a pesquisa sempre é pré-requisito de quaisquer romances, muito mais quando o objeto relatado é uma vivência com tamanha devoção, fruto de conclusões espiritualistas cabais que culminaram na mais cristalina certeza da existência



de Deus e de que a razão da sua estadia neste mundo era fazer a vontade deste Criador. À vista disto, preparou um rol de presbíteros os quais entrevistaria. Todos eles da mesma faixa etária, companheiros de seminário que optaram pelo destino eclesiástico na mesma época. O propósito era corroborar a indubitabilidade da sua escolha pela batina.

Tendo com o primeiro sacerdote, por horas recordaram-se das suas juventudes simultaneamente vividas. O empenho que exclusivamente os portadores da mais autêntica convicção são capazes de sustentar para tornar a libido menos poderosa que a fé no auge da puberdade avassaladora foi o tópico do assunto mais repisado pelos dois clérigos, que não logravam o escamoteio paradoxal do orgulho pela ausência de vaidade no estágio em que os hormônios ditam as regras.

Para ilustrar a sua teoria da evidência absoluta, o padre escritor colocou o cálice vazio de vinho em cima do armário do escritório de seu interlocutor, amassou um pequeno pedaço de uma folha do bloco de notas que estava sobre a mesa, posicionou-se de costas a uma distância de cerca de quinze metros do alvo e arremessou a bolinha que, como era de esperar-se, passou distante do copo. O pároco gabou-se de seu erro premeditado, proferindo frase pontualmente ascética.

– Quem, se não Deus, seria hábil para atingir a mira com esmero? Como poderia o universo ter sincronia tão exata? E a sublimidade do corpo humano, que dissimulada ideia evolutiva poderia suplantar a perfeita criação? Cada célula, cada átomo, impecavelmente alocados. É claro que excepcional plenitude só pode ser oriunda da inteligência do Arquiteto Supremo.

O outro padre concordou tacitamente com os olhos. O que fez Artelírio ganhar confiança e passar a portar-se com menos formalidade. Mais relaxado, largou a busca por asserções que apoiavam a valia de sua vida sagrada e começou a narrar saborosos casos como o que o levou a tudo aquilo.

Ao falar da carta da moça de cinquenta e oito anos atrás, Artelírio percebeu o desconforto de seu correligionário. Boquiaberto, padre Amadeu balbuciou vocábulos quase inaudíveis. Esforçando-se para ouvir, o religioso entendeu os dizeres e constatou que a sua história poderia ser tudo, exceto singular.

Conservando a esperança de ser apenas uma vaga similaridade, padre Artelírio tirou o papel semissexagenário do bolso, exibindo-o ao confrade de batina, que, por seu turno, engoliu seco e deixou escorrer uma lágrima pelo canto esquerdo da face, que denotava a sua amargura aflitiva, confirmando com um leve aceno de cabeça que recebera a mesma carta com idêntica letra, também há cinquenta e oito anos.

Assustados, os dois clérigos seguiram juntos as entrevistas da lista de padre Artelírio. E, um por um, foram descobrindo que todos os doze colegas septuagenários, provenientes da mesma interiorana vila, eram detentores de exemplares iguais: mesma escrita, mesmo tom amarelado no papel, mesma tinta de caneta... sendo que nenhum deles conheceu a autora, mas todos obedeceram, emocionados com o teor pessoal e místico da mensagem.

Procedendo às investigações, conceberam os sacros indivíduos que a "moça" que redigiu as doze cópias era o ex-prefeito Anselmo, falecido há pouco mais de duas décadas. Este foi o seu pueril - porém precoce - plano para ver-se livre dos doze moços mais bonitos do único grupo escolar da pequena cidade. Sabia Anselmo que o seminário mais próximo distava centenas de quilômetros dali e que, longe da concorrência, seria a única opção da primogênita do coronel Arlindo.

Artelírio picou as doze réplicas e com elas enrolou noventa e seis bolinhas de papel. Deu doze passos em sentido contrário ao cálice, virou-se de costas e atirou-as todas para trás. A maioria, como era de esperar-se, caiu fora do recipiente, mas algumas poucas caíram dentro. Desta forma, não precisava ser Deus para acertar...

Olhando em direção ao sol, um número elevado à potência de tredecilhões de dígitos veio à reflexão de Artelírio. Este emblema matemático imaginado correspondia à quantidade de planetas-bolinhas que o acaso jogara no cosmo.

Marcelo Garbine

# **O vestígio de vento que soprou na contrição**

Marcelo Garbine

Sobrepujou a modorra e norteou-se ao escritório. Na esfumada noite anterior, quando se recolheu em seus aposentos, babatou as paredes até encontrar o leito. Entrementes, um comezinho repelão no comutador trazia alvura ao recinto. A luminescência, que minguara durante a madrugada, devido ao ominoso clima encoberto, restabelecera-se.

Aquebrantara, pela enésima vez, o plácito que fizera a si próprio de não mais conduzir azáfamas à casa. Estava diante de um impasse: conceder ou não a liminar. Tantas vidas seriam afetadas por sua propensão... E ele vira aquela garotinha no colo da mãe...

Cavilação parecia-lhe habitar feérico condomínio, situado num ínclito bairro da maior metrópole da América Latina, onde assistiam unicamente magistrados, como ele, e, também assim, poder observar, num franco currupiar da cerviz, a noventa graus, à hiperbólica faina, por conta da caligem que lhe embaçava a vista, pardieiros inextricáveis.

Afeito a imputar ordens utilizando apenas uma caneta e um papel, acalentava o seu ego com a sensação de ser o braço do criador. Era fácil. Um guia de jurisprudências, uma contenda litigiosa e o seu humor diário. Eis os ingredientes que o regiam.

Entretanto, naquela ansa, era diferente. Não bradaria, através de despachos redigidos, seus consuetudinários veredictos, do firmamento. Sentia-se mais um cirurgião que um juiz de direito. Era como se em suas palmas estivessem os apetrechos e bem na sua face os órgãos vitais.

Da mesma cabeça embotada, que voltara para lobrigar a fenestra, sairia o aforismo acerca das existências que povoavam as choupanas enegrecidas pela bruma. Fazia frio e isso interferia nos seus sentidos. Com o perfunctório deslizar da pena sobre a lauda, ele mandaria seres humanos ao relento, despojaria, embargaria sonhos, desiludiria párvulos, sublevaria imberbes com seus caracteres ainda em formação. Desta feita, antagônico ao contumaz, seria kafkesco deslindar. A cerração lá de fora confundia-se com a densa neblina endógena.

Esquivando de ilharga o soez vezo de delegar aos fâmulos o encargo de mercar as tibornas, enroupou-se com o balandrau polvilhado e foi à tasca. No curto percurso, pisou o granizo despejado das nuvens no decorrer do dilúculo. Em meio à cacimba, um maltrapilho, prostrado em torrão gélido, parecia não

tirar os olhos toldados do que convizinhava um periódico. Ao aproximar-se, atinou tratar-se de uma resma empapada, contendo scripts líricos que grafava.

O vislumbre de soslaio do eremita tolheu-o. Entrevado, ficou-se inerte, retina à retina, com o vil esmolador que se alçava do plano úmido e calcorreava, rijo, em seu curso. A mão do togado já adentrava a algibeira, buscando vinténs, no tempo em que o galhardo rudimentar estendeu-lhe um chumaço de páginas. Não houve verbos. Afasia. Ao fundo, somente o soído de cigarras em alvoreceres acinzentados. Fração de segundo era aquela que fazia morada no âmago do excelentíssimo pelo sobejo de sua duração.

Enjeriu-se e marchou ao singelo itinerário, decifrando o cálamo, perturbado com o vigor da letradura. Nesta sazão, descobriu-se inferior a um homem comedido. Matutou que suas perscrutadas sentenças desvanecer-se-iam com o perpassar dos quartéis e não seriam evocadas pelos que virão depois de nós, enquanto que as lhanas trovas do menoscabado romanesco espurco transporiam o seu decesso.

Retirou as galochas pretas, livrou as botas fumês do aguaceiro, esfregando-as no estofo pardacento da varanda e adentrou sua residência. Ao lançar ao xilema o invólucro de brioques, mirou o borriço que foscava a vidraça e a chaminé que fumegava, assentou-se com os escritos e folheou-os, esquadrinhando a compreensão da conjuntura insólita. A narrativa, burilada por

um literato invisual, no estilo homérico, discorria a respeito de um estadista do século XXIV. Este, ao ver-se diante de um portentoso arbitramento a ser proferido, andejou em seu gabinete, quando, de forma repentina, num móvel velho, topou, a esmo, um livro do preambular decênio do nosso centenário corrente.

Sugestionado pelo poeta que o escrevera, o governante cedeu ao seu ímpeto emocional e decidiu não expurgar uma economia intemperada que abalroaria os desvalidos. O texto disposto em versos fê-lo remeter-se a seu modesto exórdio, recordando a intrepidez laboral de seus progenitores para proverem o seu sustento e o de seus irmãos.

Como se fosse remetido a semotos espirais nebulosos que pairam no cosmo, o político pôde presenciar o seu pai, um vigia noturno, em pleno sereno, batendo, ferrenhamente, os pés, no cimento álgido, com o fim de aquecer-se. Foram elocuições que forjaram um estopim. Embora contrariando os interesses obscuros dos possesores, não inflacionou os tributos que incidiam nos principais itens sazonais de inverno da cesta básica. Os módicos desjejuns matinais, sob o viço do orvalho, continuariam regados a cafés com leite quentinhos.

Avariado pela aquosidade que permeara a vintage, os últimos fragmentos embolorados quase não puderam ser lidos. Diligenciou com brio para decifrar a



desbotada tinta e poder enxergar o epílogo do compêndio, no qual o editor dispore nota, relatando que publicaria a obra para apaziguar a violência das enxurradas e trovões intelectivos que abatera sua lucidez quando o autor suicidara-se, afogando-se num mar revolto, em virtude do desdém de sua filha por seu apreço casto, oriundo do receio do labéu, em razão da ablepsia do mancebo trovador.

O vaivém tempestuoso tomara conta da alma do julgador e tornara-a mais plúmbea que a opacidade daquele céu turvo de penumbras. Como uma deliberação que deveria ser tão racional podia ser transferida à musa que era filha do editor do poeta cego que persuadira o estadista, que era um personagem criado por um funesto mendigo embebido pelo fluido do negrume? Era como se toda a torrente gelada no lusco-fusco fosse mero conteúdo imaginativo promovido à matéria pelo onipotente, alicerçado pelos devaneios de um relés mortal que em suas graças caíra.

Regressou à sombra do escrínio, alumiado frugalmente por uma tacanha gambiarra, debruçou-se nos autos processuais e enveredou pelos últimos tique-taques do ínterim crepuscular, implementando o brocardo. Adormeceu ali mesmo, com o encéfalo castigado pela soturnidade de uma terrífica dubiedade.

Em sua quimera noctâmbula, rememorou a garotinha, estanciada nas vivendas rústicas contíguas, arraigada no esteio do mátrio poder. Seus olhinhos pueris

derramavam uma desditosa lágrima que se mesclava com a enevoadada chuva lívida daquela chona lúgubre e taciturna.

Marcelo Garbine